



HISTÓRIA
DO
BRASIL

1. Brasil Colonial

5ª EDIÇÃO –
2021/2022



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, meu agradecimento especial e minha consideração a dois professores extraordinários – aqueles que me levaram a gostar de ensinar com excelência – Dometildes Tinoco e Euzébio Cidade. (Olá, Mamã e Papai!)

Um agradecimento sincero aos meus queridos alunos e minha excelente e dedicada equipe de professores da Cadeira de História, liderada pelo Professor Djalma Augusto, profissional ímpar, e que reúne as qualidades de um verdadeiro líder. Coordena com esmero a cadeira de humanas do Curso Preparatório Cidade, com seu trabalho de incomensurável valor pedagógico reconhecido pela Direção do Curso, pela equipe que coordena e pelos demais alunos que já se prepararam em nosso Instituto. Agradeço também ao prestativo colaborador de todas as horas e inestimável amigo Janderson Polibio, que aliado à coordenação da equipe de TI executou excelente trabalho de formatação e diagramação deste material.

Finalizando um agradecimento muito especial ao professor Sormany, que com dedicação e competência auxiliou na confecção desta apostila de História. Questões necessárias e fundamentais para um adestramento simples, rápido e eficaz para o concurso da EsFCEX.

Esperamos que você utilize esta obra, exercitando com atenção cada item apresentado e pesquisando na bibliografia àqueles que apresentaram maior grau de dificuldade. Traga para a aula as dúvidas das questões cuja resposta não esteja de acordo com seu conhecimento ou envie-as por e-mail para seu professor.

Aceite nossa companhia nesta viagem de treinamento Rumo à EsFCEX.

Bons Estudos!!

Luiz Cidade

Diretor

Prezado aluno do Curso de História do Brasil

O conhecimento, o entendimento e o perfeito domínio da História Brasileira, em suas diversas muitas vertentes, são ferramentas essenciais para o sucesso em qualquer concurso – especialmente no âmbito da carreira militar, com provas cada dia mais seletivas que abordam diversas particularidades e singularidades da nossa história.

Tendo em vista, essencial e prioritariamente, o sucesso de seus alunos, o Curso Cidade, por intermédio de sua equipe da Cadeira de História, apresenta este material, escrito a partir de um sólido embasamento teórico, calcado na Bibliografia do concurso. A presente apostila tem como objetivo fortalecer e solidificar a teoria aprendida em sala, trabalhada na apostila e praticada nos simulados semanais, cujo objetivo é ajudar a pensar com fluidez a nossa história, sem recorrer a estratégias mnemônicas ineficazes e ideias generalizadas, desprovidas de lógica.

Aproveite! O material é seu: faça um ótimo uso dele!

Temos certeza de que aquele que se dedicar com afinco à resolução das questões aqui apresentadas irá melhorar sobremaneira o seu desempenho nos exames vindouros. Nosso principal objetivo, com este material, é contribuir para melhorar o desempenho de todo candidato que, de fato, queira aprender.

Estamos aqui torcendo e trabalhando pelo seu sucesso!

Bom trabalho e bom estudo!

Equipe de História do Brasil



EQUIPE

Diretor Geral

Luiz Alberto Tinoco Cidade

Diretora Executiva

Clara Marisa May

Diretor de Artes

Fabiano Rangel Cidade

Gerente Operacional

Laura Maciel Cruz

Coordenação Geral dos Cursos Preparatórios

Profº Luiz Alberto Tinoco Cidade

Coordenação dos Cursos de Idiomas EAD

Profº Dr. Daniel Soares Filho

Secretaria

Evilin Drunoski Mache

Suporte Técnico

Guilherme de Sousa Torres

Lídia Maciel Cruz

Janderson Políbio Grangeiro Alencar

Editoração Gráfica

Edilva de Lima do Nascimento

Fonoaudióloga e Psicopedagoga

Mariana Ramos – CRFa 12482-RJ/T-DF

Assessoria Jurídica

Luiza May Schmitz – OAB/DF – 24.164

Assessoria de Línguas Estrangeiras

Monike Rangel Cidade (Poliglota-Suíça)

Professores dos Concursos

Sormany Fernandes – História Geral e do Brasil

Djalma Augusto – História Geral e do Brasil

Átila Abiorana – Língua Portuguesa

Valber Freitas Santos – Gramática (EAD)

Drº Adriano Andrade – Geografia geral e do Brasil

Enio Botelho – Geografia Geral e do Brasil

Drª Janaina Mourão – Geografia Geral e do Brasil (EAD)

Ms Rubia de Paula Rubio – Geografia Geral e do Brasil

Luiz Alberto Tinoco Cidade – Espanhol

Drº Daniel Soares Filho – Espanhol (EAD)

Maristella Mattos Silva – Espanhol (EAD)

Monike Cidade – Espanhol e Alemão (EAD)

Ivana Mara Ferreira Costa - Inglês

Márcia Mattos da Silva – Francês (EAD)

Marcos Henrique – Francês

Edson Antônio S. Gomes – Administração de Empresas

Tomé de Souza – Administração de Empresas (EAD)

Alexandre Santos de Oliveira – Direito

Drº Evilásio dos Santos Moura – Direito

Rafael – Direito

Cirelene E. Martins - Direito

Genilson Vaz Silva Sousa – Ciências Contábeis

Rodrigo Flórido Brum – Ciências Contábeis

Ricardo Sant'Ana – Informática

Fausto Santos – Informática

Rômulo Santos – Informática

Cintia Lobo César – Enfermagem

Maria Luiza - Enfermagem

Marcelo Herculano – Enfermagem

Lacerda – Enfermagem

Murilo Roballo – Matemática

Fernando Cunha Côres - Matemática

Marcos Massaki– Física I, II e III

Andrei Buslik – Física e Matemática

Mauro – Química

Antenor Nagi Passamani – Química

CONTEÚDO

ÍNDICE DE FIGURAS.....	7
1. BRASIL COLONIAL.....	8
1.1. A EXPANSÃO MARÍTIMA E COMERCIAL EUROPEIA.....	8
1.1.1. O Mercantilismo.....	8
1.1.2. A Formação de Portugal.....	9
A expansão ultramarina europeia	10
1.1.3. O Pioneirismo Português e a Escola de Sagres	10
1.1.4. Novas Tecnologias	11
1.1.5. Os Tratados Feitos com a Espanha.....	12
1.1.6. O Descobrimento A Viagem de Cabral	13
1.1.7. As Consequências da Expansão Marítima	14
1.2. OS HABITANTES DO BRASIL ANTES DE CABRAL	14
1.3. O BRASIL PRÉ-COLONIAL E O PAU BRASIL (1500 – 1530)	15
1.4. A ESTRUTURA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA E O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO	17
1.4.1. A EXPEDIÇÃO DE 1530 DE MARTIM AFONSO DE SOUZA.....	18
1.4.2. CAPITANIAS HEREDITÁRIAS.....	18
1.4.3. OS GOVERNOS GERAIS.....	19
1.4.4. DIVISÃO DO BRASIL EM DOIS GOVERNOS.....	21
1.4.5. O DOMÍNIO ESPANHOL E A NOVA DIVISÃO DO BRASIL	21
1.5. BASES DA COLONIZAÇÃO	22
1.5.1. PACTO COLONIAL	22
1.5.2. SISTEMA DE PLANTATION	22
1.6. EMPRESA AÇUCAREIRA.....	23
1.6.1. INTRODUÇÃO.....	23
1.6.2. O CICLO DO AÇÚCAR	23
1.6.3. A CAMADA SENHORIAL E A SOCIEDADE AÇUCAREIRA.....	24
1.6.4. OS ESCRAVOS INDÍGENAS.....	25
1.6.5. OS ESCRAVOS NEGROS.....	28
1.6.6. INVASÕES HOLANDESAS E A DECADÊNCIA DA EMPRESA AÇUCAREIRA	29
1.7. EXPANSÃO TERRITORIAL, TRATADOS LIMITES E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS	36
1.7.1. Pecuária.....	36
1.7.2. DROGAS DO SERTÃO E OS JESUÍTAS.....	38
1.7.3. ENTRADAS E BANDEIRAS.....	40
1.7.4. OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS	45
1.7.5. TRATADOS LIMITES	47
1.8. A MINERAÇÃO	48
1.8.1. O OURO	48
1.8.2. OS DIAMANTES	49
1.8.3. CONSEQUÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NA COLÔNIA.....	50
1.8.4. REVOLUÇÃO AGRÍCOLA	51
1.9. REVOLTAS NATIVISTAS CONTRA O MONOPÓLIO LUSITANO	51
1.9.1. REVOLTAS NATIVISTAS	52
1.9.2. ACLAMAÇÃO DE AMADOR BUENO (SÃO PAULO – 1641).....	53

1.9.3.	A REVOLTA DA CACHAÇA (RIO DE JANEIRO /1660-1661).....	53
1.9.4.	A REVOLTA CONTRA O XUMBERGAS (PERNAMBUCO -1666).....	54
1.9.5.	A REVOLTA DE BECKMAN (MARANHÃO/1684)	55
1.9.6.	A GUERRA DOS EMBOABAS (1708-1709).....	56
1.9.7.	A GUERRA DOS MASCATES (PERNAMBUCO /1710-1711)	57
1.9.8.	A REVOLTA DO SAL (SÃO PAULO/1710).....	59
1.9.9.	OS MOTINS DO MANETA (SALVADOR /1711).....	59
1.9.10.	A REVOLTA DE VILA RICA (1720)	60
1.9.11.	O LEVANTE DO TERÇO VELHO (1728).....	62
1.10.	MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO COLONIAL	62
1.10.1.	INCONFIDÊNCIA MINEIRA (1789).....	62
1.10.2.	CONJURAÇÃO CARIOCA (1794).....	63
3.	A Conjuração Baiana (1798).....	64
1.10.3.	REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA	65
1.11.	A FAMÍLIA REAL NO BRASIL E O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA.....	66
1.11.1.	O GOVERNO DE DOM JOÃO NO BRASIL.....	67
1.11.2.	O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA.....	70
1.11.3.	AS GUERRAS DA INDEPENDÊNCIA	75
1.11.4.	OS LIMITES DE NOSSA INDEPENDÊNCIA.....	76
1.11.5.	A CULTURA NO PERÍODO COLONIAL.....	77
2.	EXERCÍCIOS.....	78
2.1.	BRASIL COLONIAL.....	78
GABARITOS	157

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: À Descoberta da História e Geografia de Portugal.	10
Figura 2: Navegações portuguesas.	10
Figura 3: Representação do Infante Dom Henrique num dos Painéis de São Vicente de Fora.	11
Figura 4: Astrolábio.	11
Figura 5: Nau de Pedro Álvares Cabral.	11
Figura 6: Desembarque de Cabral em Porto Seguro (estudo), óleo sobre tela, Oscar Pereira da Silva, 1904.	13
Figura 7: Mapa de Cantino feito em 1502.	14
Figura 8: Jean de Lery. Século XVI.	16
Figura 9: Derrubada do pau-brasil.	16
Figura 10: Capitanias hereditárias.	18
Figura 11: Chegada de Tomé de Sousa à Bahia, numa gravura de começo do século XIX.	20
Figura 12: Mem de Sá.	21
Figura 13: Moagem da Cana no Engenho.	24
Figura 14: Ritual Antropogálico.	26
Figura 15: Imagem de hansstaden.	27
Figura 16: Imagem de Rugendas.	28
Figura 17: Território sob domínio de Felipe II.	31
Figura 18: Planta de restituição de Bahia.	33
Figura 19: Óleo sobre tela Batalha dos Guararapes.	35
Figura 20: Nobrega e Anchieta.	39
Figura 21: Redução Jesuítica.	39
Figura 22: Estátua de Antônio Raposo Tavares, um dos mais famosos bandeirantes.	42
Figura 23: Domingos Jorge Velho por Benedicto.	42
Figura 24: O Caminho de Peabiru.	43
Figura 25: Selvagens Civilizados Soldados Índios da Província de Curitiba Conduzindo Prisioneiros Indígenas.	44
Figura 26: Mineração de diamantes.	49
Figura 27.	53
Figura 28: Beckman no Sertão do Alto Mearim.	56
Figura 29: Tropeiros.	57
Figura 30: Julgamento de Felipe dos Santos.	61
Figura 31: Leitura da sentença dos inconfidentes.	63
Figura 32: Vice-rei conde de Resende.	64
Figura 33: Escravos exercendo vários ofícios nas ruas de Salvador.	64
Figura 34: Paço de São Cristóvão em 1816.	69
Figura 35: Desembarque em Caiena.	70

1. BRASIL COLONIAL

1.1. A EXPANSÃO MARÍTIMA E COMERCIAL EUROPEIA

Comentário inicial

Caro estudante, começaremos aqui nossa "viagem" pela História do Brasil. Nosso objetivo neste tópico é compreender os principais motivos que trouxeram os europeus ao "Novo Mundo" e o "início" da história brasileira.

Tradicionalmente a história brasileira é contada a partir do chamado "descobrimento do Brasil". O ano 1500 seria então o "marco zero" da história brasileira. No entanto é sabido que essa terra já existia e era habitada por diversos povos - os silvícolas.

Certamente, estimado leitor, você sabe que os rios, morros, planaltos e planícies já estavam aqui, mas ainda não existia o "Brasil" enquanto país.

Dessa forma uma "completa história brasileira" vai além do ano de 1500. São muito mais que cinco séculos de História! Pesquisas recentes demonstraram que o homo sapiens habitava essas terras havia pelo menos dez mil anos. No Piauí, estado do nordeste brasileiro, pesquisadores tentam provar que, se Cabral chegou em terras americanas cinco séculos atrás lá o homem teria chegado há cinquenta mil anos – ou seja, quinhentos séculos!

Verdadeiras ou não, tais suspeitas demonstram que uma "verdadeira" história do território brasileiro indubitavelmente é anterior à chegada de Cabral no Brasil.

No entanto é somente o período mais "recente" da história brasileira que nos interessa diretamente tendo em vista os objetivos desse curso. Estudaremos a vida dos povos indígenas, principalmente o contato com os europeus, posto que esse é um item do conteúdo programático. Todavia é a partir da chegada dos europeus que nos ocuparemos daqui em diante.

Entender os motivos que os trouxeram ao "Novo Mundo" é fundamental para que possamos compreender os fatos posteriores. O programa curricular da avaliação não aborda diretamente o tema Expansão Marítima e Comercial Europeia, mas por questões didáticas ele será o nosso ponto de partida. Como em uma novela é necessário que saibamos o que aconteceu antes para entendermos melhor o que aconteceu depois.

Sobre o assunto leia o texto a seguir.

Bons estudos!

1.1.1. O Mercantilismo

A colonização do Brasil estava, como não poderia deixar ser, dentro do sistema mercantilista mundial. Nossa economia, graças ao Pacto Colonial, era transformada em uma economia periférica, cuja função, era gerar riquezas para a metrópole.

Nessa fase de construção do sistema capitalista comercial os estados nacionais desenvolvem um conjunto de práticas econômicas conhecidas como Mercantilismo que vigoraram entre as potências europeias durante os séculos XV e XVIII. Esse sistema tinha como princípios fundamentais:

- **Intervencionismo:** intervenção direta do Estado na economia cuja finalidade principal era enriquecer a burguesia, financiadora dos Estados nacionais, e ampliar o poder de seus reis.
- **Balança comercial favorável:** Maior exportação e menor importação gerando um saldo positivo para o Estado.
- **Protecionismo:** para manter a balança comercial favorável, garante o mercado interno às indústrias nacionais impedindo que produtos estrangeiros entrem nesse mercado.
- **Monopólios:** o Rei entrega a exclusividade de comércio a alguns grupos visando o controle do preço e o aumento do lucro

- **Metalismo:** política de acumulação de metais preciosos formando uma reserva que garantirá a manutenção da riqueza e do poder.
- **Colonialismo:** expansão do mercado rumo a África, Ásia e América na procura de novos e tradicionais produtos, além da mão de obra, ampliando o mercado consumidor e desenvolvendo um comércio mundial.
- **Industrialismo:** abastecer o mercado interno e fornecer manufaturados às áreas coloniais.
Existiram vários tipos de Mercantilismos, mas, basicamente, eles estavam ligados às riquezas que cada nação poderia extrair de suas colônias. A saber:
 - **Espanha:** seu tipo de Mercantilismo foi chamado de Bulionista ou Metalista, ou seja, seu propósito era acumular metais preciosos, isto se explica, pois teve contato precocemente com tribos que conheciam o ouro e a metalurgia na América.
 - **Portugal:** em princípio Portugal adotou o comercialismo, ou seja, valorização das trocas comerciais, mas a partir do século XVIII, com a descoberta de ouro no Brasil se tornou metalista.
 - **França:** desenvolveu o Industrialismo ou Colbertismo devido ao seu ministro Colbert, que optou pelo desenvolvimento das manufaturas têxteis com amplo incentivo do governo.
 - **Holanda:** seu Mercantilismo baseava-se na sua ampla frota naval, sendo responsáveis pela maioria dos fretes marítimos. Também buscou a implementação privilegiadas Companhias de Comércio. É importante lembrar que na Holanda estavam concentrados os maiores bancos da Europa (grande capital judeu).

O Mercantilismo serviu como um incentivo à construção naval devido a necessidade de exploração colonial de áreas do além-mar. Esse empreendimento exigia a disponibilidade de muita mão de obra o que obrigava os Estados a adotarem uma política de incentivo ao crescimento populacional

1.1.2. A Formação de Portugal

A península Ibérica, onde surgiu o Estado Português, fica situada na Europa, tendo seu território banhado pelo Oceano Atlântico e pelo Mar Mediterrâneo. A atividade pesqueira e a troca de mercadorias sempre foram uma constante naquela região da Europa. Os fenícios foram os primeiros a estabelecer entrepostos comerciais, que depois foram herdados pelos romanos que ampliaram esses entrepostos no litoral, que, mais tarde, caem nas mãos dos muçulmanos. No século XIV, Portugal afirmou-se como primeiro Estado moderno da Europa. Sua origem ligou-se a um movimento peculiar à Península Ibérica chamado de Reconquista, que consistiu na expulsão dos muçulmanos que dominavam parte dessa Península.

1.1.2.1. Dinastia de Borgonha

Inicialmente haviam quatro reinos na península ibérica: Leão, Castela, Navarra e Aragão. O nobre Henrique de Borgonha recebeu do Rei de Leão e Castela, como recompensa por seus serviços de luta contra os muçulmanos, o Condado Portucalense. Mais tarde seu filho, D. Afonso Henriques, conseguiu a independência do condado através da assinatura, em 1143, do Tratado de Zamora, formando o Reino de Portugal e fundando a primeira dinastia portuguesa.

Auxiliado por cruzados que se dirigiam para o Oriente, D. Afonso Henriques estendeu os domínios do Reino de Portugal para o sul, conquistando as localidades de Santarém, Lisboa, Palmela e Évora aos mouros. A dinastia de Borgonha teve seu fim, quando em 1383, faleceu D. Fernando I, sem deixar herdeiros.

1.1.2.2. A dinastia de Avis

A segunda dinastia portuguesa é a dinastia de Avis. Ela era apoiada pela burguesia mercantil, pois o último rei da dinastia de Borgonha (D. Fernando I) faleceu sem deixar herdeiro. Para não perderem sua independência para o reino de Castela, pois a sua filha D. Beatriz, herdeira única do trono português, era casada com o Rei de Castela, comerciantes portugueses das cidades do Porto e de Lisboa financiaram o Mestre da Ordem Militar de Avis, D. João I, para armar um exército, enfrentar as pretensões de Castela e assumir o trono. A batalha de Aljubarrota em 1385 marca o fim da sucessão do trono português dando início à dinastia de Avis que durou até 1580. A revolução de 1383-1385 foi um momento decisivo no processo de centralização política do Estado Português.



Figura 1: À Descoberta da História e Geografia de Portugal.

Fonte: MARIA LUÍSA SANTOS, CLÁUDIA AMARAL, LÍDIA MAIA, *À Descoberta da História e Geografia de Portugal – 5º Ano*, Porto: Porto Editora.

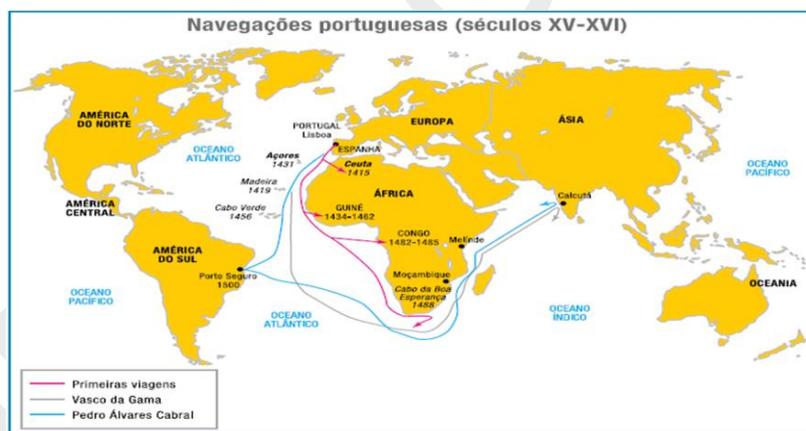
Sob o comando da dinastia de Avis foi elaborada a expansão marítima portuguesa. Incentivados pelo Infante D. Henrique de Avis – “O NAVEGADOR”, grandes sábios, cartógrafos e navegadores se reuniram na lendária Escola de Sagres.

A expansão ultramarina europeia

Chamamos de expansão marítima o processo de saída do homem europeu em busca de riquezas em outros continentes via Oceano Atlântico, conhecido à época como Mar Tenebroso. Cabe aqui ressaltar que este foi um processo lento, fruto da união de diversos fatores e interesses.

Portugal foi o primeiro país da Europa a se atirar na aventura atlântica concorrendo para isso diversos fatores.

Ocupou sempre lugar de destaque na economia lusa a atividade pesqueira, sendo esta a origem da experiência portuguesa em navegação, mas o projeto expansionista português data do início do século XV. O comércio foi o grande motor da expansão marítima portuguesa, pois as famosas especiarias (pimenta, canela, gengibre, noz moscada, cravo, etc.), para serem distribuídas para o Norte da Europa, passavam pelos portos portugueses estimulando o comércio. No entanto, as especiarias atingiam preços absurdos quando chegavam em Portugal devido à distância dos centros produtores e ao monopólio exercido pelas cidades italianas de Gênova e Veneza na compra dos produtos em Constantinopla.



Adaptado de ALCEU LUIZ PAZZINATO e MARIA HELENA VALENTE SENISE
História moderna e contemporânea. São Paulo: Ática, 1998.

Figura 2: Navegações portuguesas.

A situação piorou depois de 1453, devido à tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, dificultando o comércio de especiarias pelo Mar Mediterrâneo.

A solução encontrada foi buscar um novo caminho para se chegar a origem das especiarias: o Oriente. O problema era como chegar...

1.1.3. O Pioneirismo Português e a Escola de Sagres

- Muitas foram as causas do pioneirismo português nas grandes navegações, entre elas destacaremos:
- Posição geográfica estratégica (Península Ibérica – Sudeste europeu);

- Portugal foi o primeiro Estado Nacional Moderno (centralização do poder);
- Presença de uma forte burguesia e do capital judeu.
- A Espanha estava preocupada em expulsar os árabes de seu território;
- O rei e a burguesia mercantil de Portugal uniram-se com o objetivo de expandir o comércio marítimo.
- Tradição Naval;
- Existência de escolas de navegação.

Quanto a Escola de Sagres, o infante D. Henrique, filho do Rei D. João I, estabeleceu no seu castelo na Ponta de Sagres em Portugal, um centro náutico, que coletava informações de mapas e instrumentos de navegação. Em Sagres, com apoio e a proteção do Infante, reuniam-se cartógrafos, matemáticos e peritos náuticos. A fundação deste centro de estudos está inserida no contexto das transformações sociais pelas quais a Europa passava naquele momento, com a propagação dos ideais humanistas que buscavam explicações racionais e científicas para a compreensão do mundo, fugindo das teorias religiosas.



Figura 3: Representação do Infante Dom Henrique num dos Painéis de São Vicente de Fora.

Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga Lisboa, Portugal.

Mantinha-se, no entanto, segredo das principais descobertas principalmente na divulgação de mapas, os famosos portulanos, nome dado aos documentos nos quais estavam descritos os itinerários marítimos com distâncias e ilustrações dos principais portos marítimos e lugares de atracação.

A centralização do Estado português ainda no século XIV, a abundância de capital judeus para o financiamento, a obtenção de informações técnicas, os interesses da burguesia mercantil, da Igreja, da nobreza, principalmente a partir do Infante D. Henrique, em busca de novas possessões territoriais, possibilitaram a Portugal, entre 1415 e 1500, diversas viagens e descobertas náuticas.

Estas ações eram assim motivadas, ao mesmo tempo, pelo espírito medieval de cruzada e cavalaria e por considerações políticas e econômicas ligadas ao desenvolvimento do capitalismo.

1.1.4. Novas Tecnologias

A Escola de Sagres também foi responsável por aperfeiçoar várias tecnologias na área de navegação como o sextante (peça árabe utilizada na localização de meridianos através de estrelas) e a bússola (invenção chinesa utilizada pelos árabes para localizar o norte verdadeiro através de uma agulha magnética).



Figura 4: Astrolábio.

Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt>



Figura 5: Nau de Pedro Álvares Cabral.

Fonte: Livro das Armadas (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa).

Uma das invenções mais importante foi a caravela com vela triangular que permitiu a navegação em mar oceânico. A caravela navegava contra o vento e tornava as viagens bem mais rápidas que as antigas embarcações utilizadas no Mediterrâneo. Depois das caravelas Sagres produz a "nau", uma evolução em relação a caravela maior, mais comprida e mais rápida.

A primeira conquista portuguesa foi a cidade de Ceuta (1415), grande entreposto comercial no norte da África. Em 1420, foram atingidas as Ilhas da Madeira e Açores. Seguindo a política de contornar a costa africana para poder chegar às Índias (Périplo Africano), o Navegador Gil Eanes, em 1434, dobra o cabo Bojador. Em 1488, Bartolomeu Dias conseguiu dobrar o cabo das Tormentas (que passou a ser chamado de cabo da Boa Esperança). Coroando o projeto português, em 1498, Vasco da Gama descobre o caminho marítimo para as Índias, chegando a Calicute.

Enquanto a costa ocidental da África era explorada, a navegação no Atlântico era um segredo de estado, só quebrado por Colombo que pretendia alcançar o Oriente pelo Ocidente navegando para a coroa espanhola. Sua teoria teria dado certo se não houvesse em seu caminho um continente desconhecido pelos europeus: a América. Sua descoberta acirrou as relações entre Portugal e Espanha como você verá a seguir.

Observe o esquema abaixo sobre as causas da expansão marítima e comercial europeia.

Causas econômicas:

- Cobiça de terras a serem descobertas.

Causas políticas:

- Atuação da burguesia, que passou a financiar parte das viagens marítimas;
- Formação dos Estados Nacionais absolutos capazes de financiar o empreendimento.

Causas religiosas:

- Levar a fé católica a outros povos;
- Busca do Paraíso Terrestre.

Causas tecnológicas:

- Os grandes progressos náuticos, muitas vezes copiados dos árabes, como: bússola, astrolábio, caravela, portulanos;
- Mudança de mentalidade europeia com o movimento humanista que buscava explicações racionais para compreensão do mundo.

1.1.5. Os Tratados Feitos com a Espanha

No ano de 1492, a Espanha iniciou sua expansão marítima. Os reis espanhóis, Fernando II e Isabel I, financiaram o projeto do navegador genovês (italiano) Cristóvão Colombo, que pretendia chegar às Índias navegando para o Ocidente, acreditando que a terra era redonda. Colombo chega à América em outubro de 1492, pensando ter chegado às Índias.

A descoberta da América por Colombo em 1492 abriu uma etapa de negociações entre Portugal e Espanha sobre as descobertas, tendo a Igreja o papel de mediadora. O primeiro tratado entre os dois países foi a **Bula "Inter Coetera"**, de 1493, na qual o Papa Alexandre VI estabelecia um meridiano de 100 léguas a Oeste do arquipélago de Cabo Verde, concedendo à Espanha todas as possessões a Oeste deste meridiano cabendo à Portugal tudo a Leste. Portanto os resultados da primeira expedição de Colombo iniciaram uma disputa pela partilha do mundo.

O rei de Portugal, D. João II, não ficou satisfeito com a bula papal, pois a linha imaginária passaria no meio do Atlântico, ameaçando as conquistas portuguesas nas rotas do Atlântico Sul. Em 1494, foi assinado o **Tratado de Tordesilhas**, que seria o definitivo entre portugueses e espanhóis. Foi traçado um novo meridiano, agora a 370 léguas do arquipélago de Cabo Verde, ficando as terras a leste do mesmo meridiano para Portugal. O novo tratado garantiu a Portugal não apenas as rotas do Atlântico, como também uma parte da América, onde mais tarde Cabral fundaria o Brasil.

1.1.6. O Descobrimento A Viagem de Cabral

Com o objetivo de fundar feitorias na Índia e de forçar o Marajá de Calicute a aceitar comercializar com Portugal, o rei D. Manuel I, O Venturoso, preparou uma grande esquadra composta de 13 caravelas, a mais poderosa das expedições até então organizada. Com artilharia, munições e mantimentos a esquadra levava o melhor possível. Transportava 1.500 homens de armas, entre os quais 20 degredados que deviam ser deixados em terra para aprender a língua. Esta esquadra estava sob o comando do Fidalgo Pedro Álvares Cabral, embaixador de Portugal perante o Marajá de Calicute (cidade da Índia). Cabral não era navegador, mas por ser a figura mais importante da frota, assumiu o comando. Tinha os melhores comandantes de navios na sua esquadra.

No dia 09 de março de 1500 a frota partiu do porto do Tejo em direção à Índia, contornando a costa africana, como era o projeto português, mas a viagem tinha objetivos secretos, e se afastou muito da costa africana. No dia 21 de Abril de 1500 foram avistados os primeiros sinais da terra. A 22 de abril: terra firme. Era a costa, atualmente do sul da Bahia. O primeiro ponto percebido foi um monte, chamado de monte Pascoal, por estarem próximos da Páscoa. Aproximando-se da terra, Cabral entrou em contato pacífico com os indígenas. No dia 26, foi rezada a primeira missa, na localidade chamada Coroa Vermelha por frei Henrique de Coimbra, franciscano; o escrivão Pero Vaz de Caminha escreveu notícia do descobrimento para que o navegador Gaspar de Lemos a levasse a Portugal e noticiasse o Rei e a Europa das novas possessões portuguesas. O Brasil teve vários nomes além de Pindorama como os índios a chamavam, foi batizada pelos portugueses como Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e Brasil.



Figura 6: Desembarque de Cabral em Porto Seguro (estudo), óleo sobre tela, Oscar Pereira da Silva, 1904.

Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro.

O local chamado por Cabral como um porto seguro é hoje identificado como Baía Cabralia, ao sul da Bahia. Não se conhecem as cartas de Cabral e as dos demais comandantes. As únicas que nos restam são a de Pero Vaz de Caminha e a do Astrônomo Mestre João.

A Questão da Intencionalidade do Descobrimento

Muitos historiadores admitem que houvesse intencionalidade no descobrimento, isto é, julgam que os portugueses já sabiam ou suspeitavam da existência de terras ao Oeste do Atlântico Sul. Entre os argumentos podemos citar os seguintes:

- A carta de Pero Vaz de Caminha não demonstra surpresa com a nova descoberta.
- O retorno do navegador Gaspar de Lemos para Portugal com a carta de Caminha uma vez eu se encontravam perdidos.
- Embora estivessem perdidos conseguiram se deslocar do Brasil para a Índia para cumprir a missão
- D. João II não aceitou a primeira demarcação estabelecida pelo papa Alexandre VI, através da Bula Inter Coetera.
- Mestre João, físico e cirurgião do rei de Portugal, alemão de nascimento, era dos mais categorizados astrônomos da época. Muito entendido na arte de determinar a longitude de leste a oeste, não haveria ele, sendo um dos componentes da esquadra cabralina, encarregado de corrigir com presteza a rota do Cabo da Boa Esperança a Calicute?
- O mapa de Cantino que foi roubado de Sagres em 1502 e levado para a Itália. Como Portugal poderia ter um mapa tão detalhado da região se a primeira expedição colonizadora ocorre em 1501 com Gaspar Lemos e Américo Vespúcio que tiveram a função fazer um primeiro mapa do litoral e nomear os acidentes geográficos com nomes de santos da igreja católica.



Figura 7: Mapa de Cantino feito em 1502.

Fonte: Academia de Ciências de Lisboa.

1.1.7. As Consequências da Expansão Marítima

As grandes navegações representaram um dos mais significativos acontecimentos da Idade Moderna. Entre as principais transformações trazidas por este processo podemos citar:

- mudança do eixo econômico europeu do Mar Mediterrâneo para os Oceanos Atlântico e Índico;
- decadência econômica das cidades italianas;
- surgimento de duas novas potências: Portugal e Espanha;
- europeização do mundo.
- comprovação da esfericidade da terra;
- ampliação do mundo conhecido com a descoberta de novos continentes;
- alta de preços na Europa;
- fortalecimento da burguesia;
- reestabelecimento do escravismo;
- formação de impérios coloniais;
- propagação da fé católica para América, África e Ásia;
- comércio de proporções mundiais que agora uniam diversos continentes;
- dizimação de civilizações americanas o extermínio dessas culturas.

Esse processo para Portugal trouxe um sério problema também. Como o reino era muito pequeno, Portugal se deparou com enormes extensões territoriais para conquistar, não tendo de imediato a força para poder dominá-lo por inteiro.

1.2. OS HABITANTES DO BRASIL ANTES DE CABRAL

No Brasil foram encontrados muitos sítios arqueológicos (conjuntos de vestígios encontrados em uma determinada região) e seu estudo tem contribuído muito para elucidar o modo de vida dos povos que aqui viveram nos primeiros tempos.

Os sítios arqueológicos encontrados no litoral brasileiro são conhecidos como sambaquis, ou seja, montes de conchas e esqueletos de peixes associados e artefatos de pedra que atingem de 2 a 30 metros de altura, resultantes das sucessivas ocupações de comunidades que se alimentavam de animais marinhos, deixando os restos dos alimentos (cascas de moluscos e esqueletos de peixes) na própria área de habitação. Alguns sambaquis datam de 10 mil anos atrás.

São comuns também as pinturas rupestres, encontradas nas paredes rochosas das cavernas, em lajes de pedras e em fragmentos de rochas. Trata-se de desenhos de figuras humanas e de animais, cenas de caça e pesca. No Brasil, já foram catalogados mais de 220 abrigos usados por esses grupos pré-históricos, com cerca de 9 mil figuras pintadas. As mais famosas estão em cavernas de Minas Gerais e do Piauí.

Após essa fase pré-histórica os habitantes do Brasil passaram a se organizar em tribos, o que representa um avanço dentro da fase pré-histórica. Ao chegar ao novo mundo os portugueses se depararam com habitantes que eles identificaram como gentio. Eram índios, em sua maioria do grupo étnico Tupi-guarani. Inicialmente tiveram contato com duas grandes macro famílias, os Tupinambás e os Tupiniquins, que viviam em constante luta entre si e praticavam a antropofagia ritual.

Os outros grupos indígenas brasileiros além do tupi eram: Jê, Aruaque e Caraíba. Estes por sua vez se subdividiam em diversas outras famílias de línguas.

O grupo tupi ocupava a área referente ao litoral brasileiro, desde o Ceará até São Paulo. Desta região até o Rio Grande do Sul, os Guaranis dominavam. O grupo Jê ocupava a região do Sertão se estendendo desde o Maranhão e Piauí até o Mato Grosso. Os Aruaques e Caraíbas ocupavam a região norte que inclui o Amapá, Pará e perto do Amazonas.

Os índios brasileiros praticavam a caça, a pesca, a coleta de alimentos das matas e a agricultura, sendo os principais produtos a mandioca, milho, amendoim e feijão, seu método agrícola baseava-se na coivara, cujo princípio básico era a queimada realizada após as colheitas. Este método levava ao cansaço do solo e obrigava as aldeias a se deslocarem em busca de melhores regiões que os alimentasse. Por isso, afirmamos que a maioria dos índios brasileiros eram seminômades. Neste percurso, eram comuns os choques e guerras com outras tribos na disputa pelo território.

O termo índio nasceu de um engano histórico: ao desembarcar na América, o navegador Cristóvão Colombo chamou seus habitantes de índios, pois pensava ter chegado às Índias.

Outras designações para o habitante da América pré-colombiana: aborígenes, ameríndio, autóctone, brasilíndio, gentio, íncola, "negro da terra", nativo, bugre, silvícola, etc...

1.3. O BRASIL PRÉ-COLONIAL E O PAU BRASIL (1500 – 1530)

O processo de colonização do Brasil surgiu dentro da lógica comercial da Europa de então. A expansão marítima modificou o mundo. O comércio, na Europa, teve grande impulso, devido às especiarias vindas da Ásia e também à infinidade de produtos que chegavam da África como ouro e marfim.

No Brasil, de imediato, os portugueses não encontraram coisa alguma que fosse objeto de comercialização, exceção feita ao pau-brasil, madeira utilizada para tingir roupas. Por isso o comércio com as Índias era, sem dúvida, mais rentável aos cofres portugueses. Além disso, Portugal não dispunha de pessoal, dinheiro e navios suficientes para manter duas linhas de comércio ao mesmo tempo, com o Oriente e com o Brasil. Devido a isso, até 1530, Portugal não se interessou muito pelo Brasil.



Figura 8: Jean de Lery. Século XVI.

Jaen de Lery. Século XVI.

O primeiro reconhecimento da terra foi feito pelo próprio navio encarregado de levar as cartas narrando o descobrimento ao Rei D. Manuel I, sob o comando de Gaspar de Lemos. Verificou não se tratar de uma simples ilha, como dissera Cabral, mas um grande continente.

Para que fossem obtidas maiores informações a respeito da terra descoberta, foram enviadas algumas expedições. Em 1503, o governo português arrendou os direitos de exploração do pau-brasil e um grupo de comerciantes liderados por Fernando de Noronha. O arrendatário comprometia-se a pagar imposto ao governo português pela extração do pau-brasil, que era considerado estanco do rei de Portugal, ou seja, patrimônio real. Para a extração do pau-brasil, foi montado ao longo do litoral algumas feitorias, depósitos destinados a armazenar pau-brasil.

Nesses anos iniciais, entre 1500 e 1535, a principal atividade econômica foi a extração do pau-brasil, obtida principalmente mediante troca com os índios. As árvores não cresciam juntas, em grandes áreas, mas encontravam-se dispersas. À medida que a madeira foi se esgotando no litoral, os europeus passaram a recorrer aos índios para obtê-la. O trabalho coletivo, especialmente a derrubada de árvores, era uma tarefa comum na sociedade tupinambá. Assim, o corte do pau-brasil podia integrar-se com relativa facilidade aos padrões tradicionais da vida indígena. Os índios forneciam a madeira e, em menor escala, farinha de mandioca, trocadas por peças de tecido, facas, canivetes e quinquilharias, objetos de pouco valor para os portugueses.

Boris Fausto. História do Brasil. São Paulo 2013. 14ª edição.

O ciclo do pau-brasil

A madeira do pau-brasil era conhecida dos europeus desde a Idade Média. No Brasil era natural da Mata Atlântica. Foi uma riqueza disputada entre franceses e portugueses e não justificou de imediato um esforço colonizador. A descoberta do pau-brasil favoreceu um processo de conhecimento inicial da nossa terra e aproximou Portugal dos holandeses, maiores compradores do produto e seus aliados.

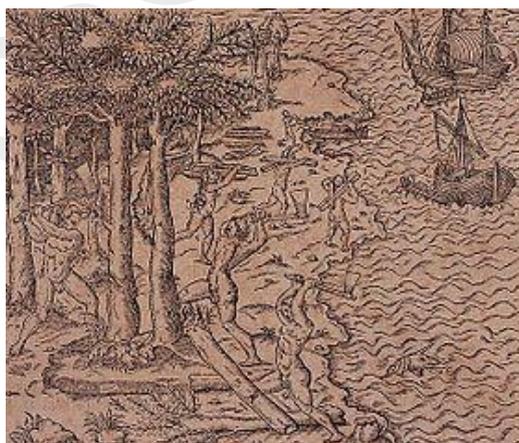


Figura 9: Derrubada do pau-brasil

(Derrubada do pau-brasil em ilustração da Cosmografia Universal de André Thevet, 1575.)

Os indígenas conheciam o pau-brasil pelo nome de Ibirapitanga, os portugueses já conheciam uma variedade do pau-brasil, existente na Índia, dela serviam para extrair uma tinta de cor vermelha, muito procurada no ocidente para o tingimento de tecidos, enquanto sua madeira era utilizada para a construção de embarcações e móveis.

A forma de exploração do pau-brasil foi feita por meio de escambo, ou seja, a troca de quinquilharias vindas de Portugal pelo trabalho do índio de executar a derrubada e o transporte de toras até as feitorias portuguesas. Com o tempo, a relação entre portugueses e índios se agravou levando os portugueses a escravizarem indígenas para o trabalho.

1.4. A ESTRUTURA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA E O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Comentário

Caro estudante! No tópico anterior vimos o que foi a expansão marítima e comercial europeia bem como as causas do pioneirismo português.

Na passagem do século XV para o XVI as nações ibéricas lideraram a corrida colonial. Portugal, depois Espanha, uniram o mundo de forma nunca imaginada anteriormente. O império português abarcou áreas distantes do globo terrestre. Prova disso é que atualmente o idioma português é falado em todos os continentes. No Japão, por exemplo, o século XVI é conhecido como o "Século Cristão". Oceania, África, América e Ásia foram visitadas e exploradas pelos portugueses.

Num primeiro momento, ao se depararem com uma nova terra, os portugueses não colonizavam, antes optavam pela instalação de feitorias, bases militares e postos comerciais ao mesmo tempo. Essa estratégia foi utilizada em vários locais, inclusive no Brasil. Era uma forma tateante de colonização e garantia, ainda que de forma superficial, o domínio do território recém descoberto. Portugal sempre teve problemas com o tamanho reduzido de sua população e a tarefa colonizadora exigia um esforço muito significativo.

Colonizar é habitar!

Isso não era tarefa fácil para um país pequeno e de população reduzida diante da vastidão das terras "descobertas".

Vasco da Gama foi quem atingiu e completou a rota para o Oriente contornando a África. O Oriente era a fonte das cobiçadas e desejadas especiarias. Alguns chegaram a imaginar que ele não conseguiria voltar e já estaria morto. A viagem estava demorando demais. Contrariando expectativas Vasco da Gama voltou e trouxera consigo boas notícias. O projeto português, iniciado em 1415 estava finalizado. O caminho marítimo para o Oriente estava descoberto.

A possibilidade de novos ganhos animara os portugueses. Imediatamente, D. Manuel, rei de Portugal em 1500, decidiu enviar uma nova expedição com destino às Índias. Chefiada por Pedro Álvares Cabral o objetivo principal consistia em estabelecer um entreposto comercial na "terra das especiarias". Cabral cumprira a missão e nesse percurso "descobriu" o Brasil.

A "descoberta" teria sido intencional ou não? Isso é uma outra história...

O fato é que o Brasil não interessou muito aos portugueses no primeiro momento, logo após a chegada de Cabral.

No início do século XVI era no Oriente - terra das caras especiarias - onde se encontravam as maiores possibilidades de lucro. A longa e penosa viagem de Vasco da Gama proporcionara um lucro de aproximadamente 2000%. Dessa forma o Brasil, entre os anos 1500 e 1530, serviria basicamente como um entreposto de passagem. Metais preciosos não foram encontrados e nada, nem um atrativo comercial, justificava o difícil esforço colonizatório naquele momento. O Brasil ficou em "segundo plano". Era o Oriente que interessava aos portugueses naquela conjuntura. Por isso os anos iniciais da história do Brasil são classificados como período Pré-Colonial (1500-1530). Não houve efetiva colonização nesse período. Basicamente a exploração de uma madeira de tinta avermelhada era o que acontecia por essas paragens.

Somente a partir de 1530, com a instalação do sistema das Capitanias Hereditárias, é que os portugueses decidiram iniciar a colonização do Brasil. Novos fatos se sucederam. A mudança é a única lei da História.